

TO THEODOR W. ADORNO

Pedro Henrique Vieira Pereira

To Theodor W. Adorno

Paris

May 7, 1940

Dear Teddie,

Thank you for your letter of February 29. For the time being, we will unfortunately have to get used to this kind of time span intervening between your writing and the arrival of my response. Another factor is that, as you can easily tell, this letter was not built in a day, any more than Rome was.

I was (and am) naturally delighted at the position you have taken on my "Baudelaire". You may know that the telegram you, Felizitas, and Max had sent reached me in the camp and you can gauge for yourself its importance in my psychic inventory in the months I was there.

I once again read the passages¹ about regressive hearing to which you referred me and can detect the congruence in the orientation of our research. There is no better example of registration that shatters experience than when popular lyrics are set to a melody. (Here it becomes evident that the individual stakes his pride on treating the substance of the potential experience in exactly the same way the administration treats the elements of a potential society.) There is no reason to make a secret of the fact that I trace the roots of my "theory of experience" to a childhood memory. My parents naturally took walks with us wherever we spent our summers. There were either two or three of us children. The one I have in mind is my brother. After we had visited one of the obligatory tourist attractions around Freudstadt, Wengen, or Schreiberhau, my brother used to say, "Now we

PARA THEODOR W. ADORNO

Pedro Henrique Vieira Pereira

Para Theodor W. Adorno

Paris

7 de Maio de 1940

Querido Teddie,

Obrigado por tua carta de 29 de fevereiro. Por ora, infelizmente nós teremos que nos acostumarmos a este intervalo de tempo interferindo entre a tua escrita e a chegada da minha resposta. Outro fator é que, como tu podes facilmente dizer, esta carta não foi construída em um dia, não mais do que Roma foi.

Eu estava (e estou) naturalmente encantado pela posição que tu assumiste sobre o meu "Baudelaire". Tu deves saber que o telegrama que tu, Felizitas, e Max tinham enviado chegou até mim no campo e tu podes avaliar por si só a importância que este teve para o meu inventário físico nos meses em que eu estive lá.

Eu li novamente as passagens¹ sobre audição regressiva as quais tu fizeste referência a mim e pôde detectar a congruência na orientação da nossa pesquisa. Não existe exemplo melhor de registro que destrói a experiência do que quando letras de músicas populares são ajustadas a uma melodia. (Aqui se torna evidente que o indivíduo aposta seu orgulho em tratar a substância de sua potencial experiência exatamente da mesma forma que a administração trata os elementos de uma sociedade potencial). Não há razão para manter em segredo o fato de que eu traço as raízes da minha "teoria da experiência" a memórias da minha infância. Meus pais naturalmente sempre passeavam conosco durante os verões. Sempre havia duas ou três crianças conosco. Um que eu tenho em mente é meu irmão. Depois de termos visitado umas das atrações turísticas obrigatórias aos redores de *Freudenstadt*, *Wengen*, ou *Schreiberhau*, meu irmão costumava falar, "agora podemos dizer que já estivemos lá". Essa declaração criou uma impressão inesquecível em

Professor da Secretaria de Educação do Ceará. Graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Ceará, especialista em linguística aplicada. Brasileiro, residente em Fortaleza-CE. Email:

phvp1979@gmail.com

can say that we've been there." This statement made an unforgettable impression on me. (By the way, I would be surprised if your notion of my view of your essay on the fetish character were correct. Might you not be confusing it with my view of your essay on jazz? I had advised you of my objections to the letter piece. I had followed the former without reservations. It has just recently been on my mind because of the some observations you make in it on "musical progress" apropos Mahler.)

There can be no doubt that the concept of forgetting which you inject into your discussion of the aura is of great significance. I will bear in the mind the possibility of an differentiation between epic and reflexive forgetting. Please do not think it an invasion if I do not go beyond this today. I clearly remember the passage in the fifth chapter of the Wagner book to which you allude. But even if, in fact, the issue is a "forgotten human something" in the aura, the issue is not necessarily what is actually present in the work. The tree and the shrub vouchsafed to people are not made by them. Thus there must be something human about objects that is not bestowed by the work done. I would, however, like to leave it at that. It seems unavoidable to me that it will be confronted with the question you raised in the course of my own work. I do not know weather I will be confronted with it already in the sequel to the "Baudelaire.") The first thing for me to do will be to return to the locus classicus of the theory of forgetting, which, as you well know, is represented for me by [Tieck's] *Der blonde Eckbert*.

I believe that it is unnecessary to question the concept of *mémoire involontaire* in order to grant forgetting its due. The childish experience of how a madeleine tasted that one day involuntarily popped into Proust's mind was, in fact, unconscious. It was not the first bite into his first madeleine. (Tasting is an conscious act.) Tasting, however, probably becomes unconscious to the extent that the taste became more familiar. The grown-up's "tasting again" is then naturally conscious.

mim. (A propósito, eu ficaria surpreso se o teu conceito da minha visão sobre teu ensaio do personagem fetichista estivesse correto. Tu não deves estar confundindo este com minha visão sobre teu ensaio de jazz? Eu tinha te avisado das minhas objeções nesta última peça. Eu acompanhei esta última sem reservas. Ela tem estado frequentemente na minha mente por causa de algumas observações que tu fazes dela sobre "progresso musical" a propósito de Mahler).

Não pode haver dúvidas de que o conceito de esquecer que injetaste na tua discussão sobre a aura é de grande significância. Eu terei em mente a possibilidade de uma diferenciação entre esquecimento épico e reflexivo. Por favor não penses que estou me evadindo se eu não for além disso hoje. Me lembro claramente da passagem no quinto capítulo do livro de Wagner a qual aludes. Mas, mesmo se, de fato, o problema seja "algo humano esquecido" na aura, o problema não é necessariamente o que na verdade está apresentado neste trabalho. O consentimento dado pela árvore e o arbusto para as pessoas não foi feito por eles. Portanto deve haver algo humano sobre os objetos que não são doados pelo trabalho feito. Eu gostaria, entretanto, de deixar isso assim. Parece inevitável para mim que eu novamente serei confrontado com a pergunta, que tu levantaste no curso, do meu próprio trabalho. (Não sei se serei confrontado com esta já na sequência do "Baudelaire"). A primeira coisa que eu farei será retornar ao *locus classicus* da teoria do esquecimento, a qual, como você bem sabe, é representada para mim pelo *Der blonde Eckbert* de [Tieck].

Eu acredito que não é necessário questionar o conceito de *memória involuntária* a fim de conceder ao esquecimento o que lhe é devido. A experiência infantil de como a *Madeleine* degustada aquele dia, involuntariamente estourou na mente de Proust, foi, de fato, inconsciente. Não foi a primeira mordida na sua primeira *Madeleine*. (Degustar é um ato consciente). Degustar, entretanto, provavelmente se torna inconsciente até o momento que o gosto se torne mais familiar. Os adultos "provarem novamente" é então naturalmente consciente.

Since you ask about Maupassant's "Nuit": I read this important piece very carefully. A fragment of my Baudelaire study deals with it and you, of course, will probably see it some day. (En attendant, in deep gratitude, I am giving the volume you loaned me to Parisian office to return to you.)

Regarding the alternative Gide-Baudelaire, Max has been so kind as to leave the choice up to me. I have decided for "Baudelaire"; this is the subject that I now view as the most intransigent; it is most urgent that I satisfy its demands. I will not conceal from you that I have not yet been able to turn to it with the intensity I would have wished. A primary reason for this has been my work on theses.² You will receive some fragments of them during the next few days. To be sure, they in turn represent a certain stage in my reflections in the continuation of the "Baudelaire. I expect that the next few days will be beginning of a period during which I hope to be able to work uninterruptedly and which I will devote to this continuation.

Now to the George-Hofmannsthal correspondence. Care has been taken that not everything one touches will turn to gold. I am for once in the position of encountering you in an arena in which I fell completely at home, but my modest wish to have firsthand knowledge of the book about which you write remains unfulfilled. Since I am not capable of such firsthand knowledge in the realm of music, you should not take my judgment of your essay too categorically. Be that as it may, as far as I can tell, it is the best thing you have ever written. A series of specific observations follows. I want to preface these with the comment that, for me the crucial part of the essay resides in its uncommonly assured, striking, and surprising outline of the historical perspective: like the spark that jumps between [Ernst] Mach and Jens Peter Jacobsen, giving the historical landscape a plasticity the basically furnishes the landscape with a bolt of lightning in the evening sky.

Como tu perguntaste sobre o "Nuit" de Maupassant: eu li essa importante passagem muito cuidadosamente. Um fragmento do estudo do meu Baudelaire lida com este e tu, é claro, verá provavelmente algum dia. (Enquanto isso, em profunda gratidão, eu estou entregando o volume que você me emprestou, para o escritório parisiense, para este regressar a ti).

A respeito da alternativa Gide-Baudelaire, Max tem sido muito gentil de deixar a escolha para mim. Eu decidi pelo "Baudelaire"; esta é a matéria que eu vejo agora como a mais intransigente; é urgente que eu satisfaça sua demanda. Eu não irei te esconder o fato que eu ainda não fui capaz de me voltar a ela com a intensidade que desejava. A primeira razão para isso tem sido meu trabalho nas teses². Tu receberás alguns fragmentos destas durante os próximos dias. Tendo a certeza de que elas representam um certo estágio das minhas reflexões na continuação do "Baudelaire". Eu espero que os próximos dias sejam o começo de um período de trabalho ininterrupto que devotarei a esta continuação.

Agora a correspondência de George-Hofmannsthal. Cuidado tem sido tomado para que nem tudo que se toca vire ouro. Eu estou por uma vez na posição de te encontrar em uma arena na qual me sinto completamente em casa, mas modero meu desejo de ter o conhecimento em primeira mão do livro sobre o qual tua escrita permanece ainda não realizada. Como eu não sou capaz de tal conhecimento em primeira mão no reino da música, tu não deverias tomar meu julgamento do teu ensaio tão categoricamente. Seja como for, tanto quanto posso dizer, é que foi a melhor coisa que tu já escreveste. Uma série de observações específicas segue. Eu quero fazer o prefácio destas com o comentário de que, para mim, a parte crucial do ensaio reside em seu incomum segurado, notável e surpreendente esboço da perspectiva histórica: como a fagulha que pula entre [Ernst] Mach e Jens Peter Jacobsen, dando ao panorama histórico uma plasticidade que basicamente favorece este panorama com um raio iluminado no céu da noite.

What seems to emerge from your presentation is that George's image was more sharply delineated in the correspondence that Hofmannsthal's. The struggle for literary position vis-à-vis the other probably was simply a basic motif of this correspondence, and the aggressor was and remained George. While in a certain sense I find a finished portrait of George in your essay, when it comes to Hofmannsthal much remains in the background. It becomes very clear in some passages that it would be up to you to illuminate specific parts of this background. Your observation about the actor, and even more the one about the child in Hofmannsthal which, for me, culminates in the wonderful quotation from *Ariadne*, which is gripping because of where it appears in your text – this all goes to the heart of the matter. I would have liked to have found your view of the reminiscences from the world of childhood as they occur, lost in George's "Lied des Zwergen" or "Entführung."

There is one aspect of Hofmannsthal that is very much on my mind but is left untouched. I am not sure whether the allusions with which I want to speak about it to you (perhaps not for the first time;) will really have something new to say. If they do, the question remains as to what extent they will be intelligible to you. I intend to mail these comments regardless of their fragmentary state. There are actually two texts whose rapprochement delineates what I have to say. You yourself refer to one of them, since you cite the Letter of Lord's Chandos. I am thinking of the following passage: "I do not know how often this Crassus with his moray comes to mind as a mirror image of myself, tossed up over the abyss of the centuries . . . Crassus . . . shedding tears over his moray. And I am forced to think about this figure, whose ridiculousness and contemptibility, in the midst of a senate discussing the most sublime things and ruling the world, catch the eye - I am forced to think about him by something unnameable in a way that seems absolutely foolish to me the very moment I try to express it in words." (The same motif occurs in *Der Turm*: the inside of the

O que parece emergir da tua apresentação é que a imagem de George foi mais bruscamente delineada na correspondência da de Hofmannsthal. A luta pela posição literária cara a cara com o outro provavelmente foi simplesmente um motivo básico para essa correspondência, e o agressor foi e permaneceu George. Enquanto em um certo senso eu encontrei um retrato de George em seu ensaio, quando se trata de Hofmannsthal muito permanece ao fundo. Se torna muito claro em algumas passagens que seria por tua conta iluminar partes específicas desde fundo. Tua observação sobre o ator, e ainda mais aquela sobre a criança em Hofmannsthal que, para mim, culmina na maravilhosa citação de *Ariadne*, que é emocionante por causa de onde ela aparece no teu texto – isto tudo vai até o coração da matéria. Eu teria gostado de ter encontrado sua visão das reminiscências do mundo da infância como elas ocorrem, perdidas, na "Lied des Zwergen" ou "Entführung" de George.

Existe um aspecto de Hofmannsthal que está muito na minha mente, mas é deixado intocado. Eu não tenho certeza se as alusões que eu quero te falar a respeito (talvez não pela primeira vez?) terão realmente alguma coisa nova para dizer. Se elas tiverem, a pergunta permanece em qual extensão estas te serão inteligíveis. Eu pretendo enviar por carta esses comentários independentemente do seu estado fragmentado. Existem na verdade dois textos cuja aproximação delineia o que eu tenho a dizer. Tu por ti mesmo te referes a um deles, quando tu citas a *Carta do Lord Chandos*. Eu estou pensando sobre a seguinte passagem: "Eu não sei com que frequência este Crassus com sua enguia vem à mente como uma imagem de espelho de mim mesmo, jogada sobre o abismo dos séculos... Crassus... derramando lágrimas sobre sua enguia. E eu sou forçado a pensar a respeito desta figura, cuja ridicularidade e desprezo, no meio de um senado discutindo as mais sublimes coisas e dominando o mundo, chama a atenção – eu sou forçado a pensar nele por algo inominável de um modo que parece absolutamente insensato para mim no momento em que eu tento expressá-lo em palavras". (O mesmo motivo ocorre em *Der Turm*: O interior de um porco abatido dentro do qual o príncipe teve que ver quando era criança). Enquanto

Professor da Secretaria de Educação do Ceará. Graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Ceará, especialista em linguística aplicada. Brasileiro, residente em Fortaleza-CE. Email:

phvp1979@gmail.com

slaughtered pig into which the prince had to look when he was a child.) As for the rest, the second of the two passages of which I spoke is also in *Der Turm*: it is the conversation between the doctor and Julian. Julian, the man who, but for a minute suspension of will, a single moment of surrender lacks nothing to become a part of what is most sublime is a self-portrait of Hofmannsthal. Julian betrays the prince: Hofmannsthal turned his back on the task that emerges in the Chandos letter. His “speechlessness” was a kind of punishment. The language that Hofmannsthal avoided may be precisely the language that was given to Kafka at about the same time. For Kafka took on the task at which Hofmannsthal failed morally, and therefore also poetically. (The theory of sacrifice to which you refer, which is suspect and built on sand, bears all the traces of this failure.)

I believe that throughout his life Hofmannsthal took the same stance toward his talent as Christ would have taken toward his reign if he had to attribute it to a deal with Satan. It seems to me that Hofmannsthal’s uncommon versatility goes hand in hand with his awareness of having betrayed the best within himself. Therefore, no degree of intimacy with the rabble was able to frighten him.

Regardless of this, relegating [Hans] Carossa to a “school” whose head presumably was Hofmannsthal, it is in my opinion still not feasible to speak of the political coordination of German authors under the sign of this school, namely Hofmannsthal himself. Hofmannsthal died in 1929. If it had not been guaranteed him by some other means, he has with his death purchased a non liquet in the criminal case you bring against him. I would think you might want to reconsider this passage; I almost at the point of requesting you to do so.

You are, of course, right to bring up Proust. I have recently had misgivings about his work; and once again it happens that they coincide with yours. You speak very nicely about the experience of “that’s

o resto, a segunda das duas passagens das quais eu falei está também em *Der Turm*: é a conversa entre o médico e Julian. Julian, o homem que, por um minuto da suspensão de sua vontade, um único momento de rendição, não lhe falta nada para se tornar uma parte do que é mais sublime, é um autorretrato de Hofmannsthal. Julian trai o príncipe: Hofmannsthal virou as costas para a tarefa que emerge na carta de Chandos. Sua “falta de palavras” foi um tipo de punição. A língua que Hofmannsthal evitou pode ser precisamente a língua que foi dada para Kafka aproximadamente no mesmo tempo. Para Kafka assumir a tarefa na qual Hofmannsthal falhou moralmente, e também, portanto, poeticamente. (A teoria do sacrifício a qual tu te referes, a qual é suspeita e construída na areia, suporta todos os traços desta falha).

Eu acredito que ao longo da sua vida Hofmannsthal tomou a mesma instância em direção do seu talento assim como Cristo teria tomado em direção do seu reinado se Ele tivesse que atribuir este a um acordo com o Satanás. Parece-me que a incomum versatilidade de Hofmannsthal anda mão a mão com sua consciência de ter traído o melhor dele mesmo. Portanto, nenhum grau de intimidade com a ralé foi capaz de amedrontá-lo.

Independente disso, relegando [Hans] Carossa a uma “escola” cuja cabeça presumidamente foi Hofmannsthal, não é ainda na minha opinião factível falar da coordenação política de autores Alemães sobre o signo desta escola, nomeada pelo próprio Hofmannsthal. Hofmannsthal morreu em 1929. Se não lhe tivesse sido garantido por outros meios, ele com sua morte comprou um não líquido no caso criminal que tu trazes contra ele. Eu pensaria que tu talvez quisesses reconsiderar esta passagem; eu estou quase a ponto de solicitar que tu faças isso.

Tu és, claro, correto de trazer à tona Proust. Recentemente tive receio sobre o trabalho dele; e mais uma vez acontece que eles coincidem com os teus. Tu falas muito bem sobre a experiência de “não é isso” – precisamente a experiência de que o tempo

not it” – precisely the experience that time turns into a lost experience. It now seems to me that there was a deeply hidden (but not for that reason unconscious) model of this basic experience for Proust: namely, the “that’s not it” experience of the assimilation of the French Jews. You are familiar with the famous passage in *Sodom and Gomorrah* where complicity among homosexuals is compared with the particular constellation determining the behavior of the Jews among themselves. It was precisely the fact that Proust was only half Jewish that enabled him to have insight into the precarious structure of assimilation, an insight that was brought home to him from the outside by the Dreyfus campaign.

There is not likely to be any book on George that might be even remotely comparable to yours. I have no reservations whatsoever about it; I am not afraid to admit to you that I was most pleasantly surprised. Even if it must appear extremely difficult nowadays to speak of George in any way other than as the poet who in his *Stern des Bundes* has marked out the choreography of the St. Vitus’s dance that is passing over Germany’s ravaged soil – this was surely not to be expected from you. Yet you have mastered this untimely and tankless task, namely George’s “rescue,” as decisively as is possible and unobtrusively as is necessary. In having recognized defiance as the poetic and political foundation of George’s work, you have illuminated its most basic characteristics through commentary (significance of translation), as well as critically (monopoly and elimination of the market). Everything is out of the same mold and everything is convincing. There are some passages that would, entirely on their own, prove that the effort you put into this text, no matter how long it has taken, was not wasted. I am thinking of the excellent commentary on the “gentleman,” and of portentous quotations such as “the hour is late.” Your work has made imaginable what was previously unimaginable and would constitute the beginning of George’s afterlife: an anthology of his

se torna uma experiência perdida. Agora me parece que existia escondido profundamente (mas não por uma razão inconsciente) um modelo desta experiência básica para Proust: nomeadamente, a experiência “não é isso” da assimilação dos Judeus Franceses. Tu estás familiarizado com a famosa passagem em *Sodoma e Gomorra* onde cumplicidade entre homossexuais é comparada com uma constelação particular que determina o comportamento dos Judeus entre eles. Foi precisamente o fato de que Proust foi apenas metade Judeu, que o possibilitou de ter o discernimento da precária estrutura da assimilação, um discernimento que foi trazido para sua casa vinda de fora pela campanha de Dreyfus.

Não é provável existir nenhum livro sobre George que talvez mesmo que remotamente se compare ao seu. Eu não tenho qualquer reserva que seja sobre isso; eu não tenho receio de admitir que fiquei consideravelmente e agradavelmente surpreso. Até mesmo se parecer extremamente difícil nos dias de hoje falar de George de qualquer modo do que como o poeta que em seu *Stern des Bundes* marcou a coreografia da dança de St. Vitus, que está de passagem pelo devastado solo alemão – por esta com certeza tu não esperavas. Ainda assim tu dominaste esta prematura má agradecida tarefa, nomeada de “regaste” de George, tão decisiva quanto é possível e não intrusiva quanto é necessária. Em ter reconhecido o desafio como uma fundação poética e política do trabalho de George, tu iluminaste suas mais básicas características através do comentário (significância da tradução), bem como criticamente (monopólio e eliminação do mercado). Tudo está fora do mesmo molde e tudo é convincente. Existem algumas passagens que, inteiramente por si só, provariam que o esforço que tu colocas nesse texto, não importa quanto tempo demorou, não foi desperdiçado. Eu estou pensando no excelente comentário sobre o “cavaleiro”, e as citações portentosas tais como “a hora está atrasada”. Teu trabalho tornou imaginável o que era previamente unimaginável e constituía o começo da vida após morte de George: uma antologia dos seus poemas. Alguns destes são melhores posicionados no teu texto do que onde eles se encontram.

poems. Some of those are better placed in your text than where you found them.

I would not want to pass over an important point about which we should come to an agreement (and probably could). It concerns what you treat under the rubric of “position.” The comparison with smoking hardly does justice to the topic. It could mislead someone into believing that an position is “displayed” or “adopted” in all cases. It is entirely possible, however, to find a position that is unconscious without it therefore being less of a position. And you probably also see things this way since, under the same rubric, you include gracefulness, which is rarely associated with something consciously on display. (Regarding gracefulness, I want to speak only of children and do this without thus waiting to emancipate a natural phenomenon of the society in which it appears, namely to treat it in an inappropriately abstract manner. The gracefulness of children exists, and exist primarily, as a corrective to society; it is one of the pointers toward “undisciplined” happiness” that are given us. Holding onto childish innocence, as in a moment of unkindness one could accuse Hofmannsthal of doing (of holding onto the innocence that allowed him to value [Felix] Salten’s feuillets hardly any less highly than my baroque book) does not justify our abandonment of what we can love about him.

What you had to say about a position in the narrower sense evoked some reservations in me. I want to indicate what they are by a turn of phrase borrowed from your own text. Specifically, the place where you allude to my Baudelaire essay with the felicitous formulation that the lonely person is the dictator of all those who are lonely like him. I do not believe it is too bold to say that we there encounter a position where human being’s essential loneliness comes into view – the loneliness that, far from being the site of the human being’s individual fullness, could very well be the site of this historically determined emptiness, of his persona as his misfortune. I

Eu não gostaria de passar por cima de um ponto importante sobre o qual nós deveríamos chegar a um acordo (e provavelmente podemos). É preocupante como tu trata sobre a rubrica da “posição”. A comparação com o tabagismo dificilmente faz justiça ao tópico. Esta poderia enganar alguém em acreditar que a posição é “exibida” ou “adotada” em todos os casos. É inteiramente possível, entretanto, encontrar uma posição inconsciente sem essa, portanto, sendo menos do que uma posição. E tu provavelmente também vês as coisas desse modo desde que, sobre a mesma rubrica, tu incluis graciosidade, que é raramente associada com alguma coisa conscientemente em pauta. (A respeito da graciosidade, eu quero falar somente das crianças e fazer isso sem, portanto, querer emancipar um fenômeno natural da sociedade no qual aparece nomeada para ser tratada inapropriadamente de uma maneira abstrata. A graciosidade das crianças existe, e existe primeiramente como uma corretiva para a sociedade; é um dos pontos em direção a “felicidade indisciplinada” que nos é dada. Se segurando na inocência infantil, como em um momento de crueldade alguém pode acusar Hofmannsthal de fazê-lo (se segurando na inocência que o permitiu valorizar os folhetins de [Felix] Salten, dificilmente e altamente menores do que meu livro barroco) não justifica o nosso abandono do que podemos amar a respeito dele).

O que tu tinhas a dizer sobre este posicionamento em seu sentido mais estreito, evocou algumas reservas em mim. Eu quero indicar o que elas são por uma vez na frase emprestada do teu próprio texto. Especificamente, o lugar aonde você faz alusão ao meu ensaio Baudelaire com a formulação feliz de que a pessoa solitária é a ditadora de todas aquelas que são solitárias como ela. Eu não acredito que seja tão arrojado dizer que lá nós encontramos uma posição aonde a solidão essencial do ser humano se torna visível – a solidão que, longe de ser o local da plenitude individual do ser humano, poderia muito bem ser o local do seu historicamente vazio determinante, da sua pessoa como do seu infortúnio. Eu entendo e compartilho todas as tuas reservas quando a posição apresentada é essa da plenitude (este é, de fato, o modo que foi entendido por George). Existe também, entretanto, a inaliável posição de vazio

Professor da Secretaria de Educação do Ceará. Graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Ceará, especialista em linguística aplicada. Brasileiro, residente em Fortaleza-CE. Email:

phvp1979@gmail.com

understand and share your every reservat on when the position displayed is that of fullness (this is, in fact, the way it was understood by George). There is also, however, the inalienable position of emptiness (as is characteristic of Baudelaire's later works). In brief: position as I understand it is distinguished from the kind you denounce just as branding is distinguished from tattooing.

The last two pages of your essay struck me as being like a table for birthday gifts on which the passage about "undisciplined happiness" represents the spark of life. The work is also somewhat like a table covered with gifts in the other places as well; the stamp of terminology no more adheres to its ideas than a price tag does to a gift.

In conclusion, I will adopt your good habit of suggesting some things in the form of marginalia. "The last train is must leaving for the mountains" is a sentence that is just as appropriate to the Schwabing atmosphere as [Alfred] Kubin's dream city "Pearl". "Pearl", moreover, is the city in which the "Temple stands, behind whose walls, which have dry rot, the "Seventh Ring" is preserved.

Relating it to Kraus's critique of George's translation of Shakespeare's sonnets night have given even more weight to your reference to Kraus, especially since you yourself touch on the problem of translation.

George's appreciative judgment of Hofmannsthal replicates Victor Hugo's famous judgment of Baudelaire down to the last detail: "Vous avez créé un frisson nouveau". When George speaks of the granitelike Germanic element in Hofmannsthal, in terms of tone and subject matter he might have had in mind a passage from Hölderlin's letter of December 4, 1801, to Böhlendorf.

The question might be raised in passing as to whether this correspondence may not have been influenced by the correspondence between

(como é característica dos últimos trabalhos de Baudelaire). Em resumo: posição como eu entendo é distinguida do tipo que tu relatas assim como a marca é distinta de tatuagem.

As duas últimas páginas do teu ensaio me impressionaram como uma mesa para presentes de aniversário na qual a passagem sobre "felicidade indisciplinada" representa a centelha da vida. O trabalho é de uma certa forma também como uma mesa coberta com presentes em outros lugares também; o selo da terminologia não mais adere as ideias do que a etiqueta faz com um presente.

Em conclusão, eu adotarei seu bom hábito de sugerir algumas coisas na forma de marginalia. "O último trem está partindo para as montanhas" é uma sentença que é tão apropriada a atmosfera de Schwabing como "Pearl" a cidade dos sonhos de [Alfred] Kubin. "Pearl", além disso, é a cidade na qual o "Templo" se levanta, por trás das paredes que tem uma podridão seca, o "Sétimo Rei" está preservado.

Relacionando isto a crítica de Karus da tradução de George dos sonetos de Shakespeare talvez tenham dado ainda mais peso para a tua referência a Kraus, especialmente desde que tu sozinho tocas no problema da tradução.

O julgamento apreciativo de George a Hofmannsthal replica o famoso julgamento de Baudelaire de Victor Hugo até o último detalhe: "Você criou uma nova emoção". Quando George fala do elemento germânico como granito em Hofmannsthal, em termos de tom e matéria do sujeito, ele talvez tivesse tido em mente uma passagem da carta de Hölderlin de 4 de dezembro de 1801, para Böhlendorf.

A questão pode ser levantada se passando como se esta correspondência talvez não tenha sido influenciada pela correspondência entre Goethe e Schiller – a correspondência que, como um registro da amizade entre dois príncipes no meio de poetas,

Goethe and Schiller – The correspondence that, as the documentation of a friendship between two princes among poets, so enormously contributed to the worsening of the air of the upper atmosphere in Germany.

Apropos your “What is noble is so because of what is ignoble” – see Victor Hugo’s splendid words: “l’ignorant est le pain que mange le savant.”

Your medals for Carossa and Rudolf Borchardt are very nicely cast and, as you can well imagine, the *Devise lucus a non lucendo* you dedicate to Symbolism delighted me. The analysis of “Voyelles” [by Arthur Rimbaud], which supports it, also seems thoroughly cogent to me. The intertwining of technique and esotericism, which, as you demonstrate, appeared so early, has become tangible in a regime that establishes political training schools for pilots.

In conclusion, let me say that I am very pleased with the role Jacobsen plays in your essay. Early motifs are no doubt here given their due. In any case, the expanded form of the name of your reflections has an effect similar to that of the appearance of a boy who, rushing from a forest with burning cheeks, approaches us in a cool alley.

You ask about my English lessons. I had already begun lessons with someone else by the time I received the address of a teacher from Felizitas. I fear that my progress, which is not swift, far surpasses my ability to apply my knowledge in conversation. I also thought that Miss Razowski’s affidavit was, as you say, a “substantial stimulus”. I unfortunately had to change my opinion. Everything I have heard about the current practices of the American consulate (from which I have still heard nothing) agrees that the process of bringing normal cases to a conclusion is very slow. But without my having had anything to do with it, my case has now unfortunately become a “normal” one due to the receipt of the affidavit. Otherwise it would have been possible for me to submit an application for a visitor’s visa, like that recently

tão enormemente contribuiu para a piora do ar da atmosfera superior da Alemanha.

A propósito do teu “O que nobre é assim por causa do que é ignóbil” – veja as palavras esplêndidas de Victor Hugo: “o ignorante é o pão que o cientista come”.

Tuas medalhas para Carossa e Rudolf Borchardt são muito bem moldadas e, como você pode bem imaginar, o *Devise lucus a non lucendo* que tu dedicaste ao simbolismo me deliciou. A análise de “Voyelles” [por Arthur Rimbaud], que dá suporte a isto, também parece completamente convincente para mim. O entrelaçado da técnica e esoterismo, que, como tu demonstraste, apareceu tão cedo, se tornou tangível em um regime que estabiliza escolas políticas de treinamento para pilotos.

Em conclusão, deixe-me dizer que eu estou muito contente com o papel que Jacobsen desempenha em seu ensaio. Aos motivos iniciais é sem dúvida aqui dada sua devida importância. Em qualquer caso, a forma expandida do nome das tuas reflexões tem um efeito similar a aquele da aparência de um garoto que, correndo de uma floresta com bochechas vermelhas, aproxima-se de nós em um beco gelado.

Tu perguntante sobre minhas aulas de inglês. Eu já comecei aulas com outro alguém no momento em que recebi de Felizitas o endereço de um professor. Eu temo que meu progresso, que não é rápido, supere em muito minha habilidade de aplicar meu conhecimento em conversação. Eu também pensei que o depoimento da Senhorita Razowski foi, como tu dizes, um “estímulo substancial”. Eu infelizmente tive que mudar minha opinião. Tudo que eu ouvi sobre as práticas atuais do consulado americano (do qual eu ainda não tive notícias) concorda que o processo de trazer casos normais a uma conclusão é muito lento. Mas sem eu ter tido nada a ver com isso, meu caso tem agora infelizmente se tornado “normal” devido ao recebimento do depoimento. De outra forma seria possível para mim submeter uma aplicação para um visto de visitante, como aquele recentemente aprovado para o autor Hermann Kesten, por exemplo. [...]

approved for the author Hermann Kesten, for example. [...]

To return to the question of a visa, in addition to a letter of appointment, proof of having held an official teaching position has been made a prerequisite for granting a nonquota visa (and this is the only thing that would make it possible for me to come very soon). Recently just that section in the latter regulation prescribing proof of such employment for the last two years before the visa is granted has been interpreted very strictly. This makes me very reluctant to write Schapiro now. I would rather not turn to him before I am assured of being able to put his interest rather not turn to him before I am assured of being able to put his interest in me to best advantage. This will only be the case when the deadline for my arrival in America has drawn closer; whether it turns out that there is once again some swift progress in the matter of my immigration, or whether the regulations pertaining to granting a nonquota visa are again less strictly enforced. The way things are right now, I fear that, even given a letter of appointment the regulations would be more likely to work against me. I would not hesitate to write Schapiro, however, if you think that he could do something about obtaining an appointment for me.

[. .]

Do you know Faulkner? If so, I would like to know what you think of his work. I am currently reading *Light in August*.

Your letter arrived without undue delay. I think you can write me in German and that you therefore ought to write me more often. For my part, a letter written in German must of course be the exception. – Send the “Rickert”³ with your next letter. I, of course, am a student of Rickert (just as you are a student of [Hans] Corneilius) and I am really looking forward to your text.

As always, my most sincere regards.
Yours,

Retornando a pergunta sobre o visto, além de uma carta de agendamento, prova de ter mantido uma posição oficial de professor, tem sido feito um pré-requisito para garantir um visto *sem cota* (e esta é a única coisa que tornaria possível para mim chegar em breve). Recentemente apenas *aquela* seção na tardia regulação que prescreve a prova de tal emprego pelos *últimos dois anos* antes do visto ser garantido foi interpretada muito rigorosamente. Isso me deixa muito relutante de escrever agora para Schapiro. Eu preferiria não recorrer a ele antes de ter a certeza deste ser capaz de colocar seu interesse em mim para que eu tenha uma melhor vantagem. Este somente será o caso quando a data limite para a minha chegada na América se aproximar; acaba-se que existe mais uma vez algum progresso repentino na matéria da imigração, ou se as regulamentações referentes à concessão de um visto *sem cota* estejam novamente menos rigorosamente forçadas. A maneira como as coisas estão agora, eu temo que, mesmo sendo me dada uma carta de agendamento, as regulamentações seriam mais prováveis de atuarem contra mim. Eu não hesitaria de escrever para Schapiro, entretanto, se tu achas que ele poderia fazer alguma coisa sobre a obtenção de um agendamento para mim.

[...]

Tu conheces Faulkner? Se sim, eu gostaria de saber o que tu achas do trabalho dele. Eu estou atualmente lendo *Luz em agosto*.

Tua carta chegou sem indevido atraso. Eu acho que tu podes me escrever em alemão e que tu, portanto, deverias me escrever mais frequentemente. Por minha parte, uma carta escrita em alemão deve é claro ser a exceção. – Envie o “Rickert”³ com tua próxima carta. Eu, é claro, sou um estudante de Rickert (como tu és um estudante de [Hans] Corneilius) e eu realmente estou esperando teu texto.

Como sempre, meus mais sinceros cumprimentos, Seu
Walter Benjamin

Walter Benjamin	
<ol style="list-style-type: none">1. From Adorno's essay on the fetish character in music <i>Dissonanzen</i>.2. <i>Schriften</i> 1: 494-506.3. Adorno, review of Heinrich Rickert's <i>Unmittelbarkeit und Sinndeutung</i> (Tubingen, 1939), <i>Studies in Philosophy and Social Science</i> 9 (1941), pp. 479-82.	<ol style="list-style-type: none">1. Do ensaio de Adorno sobre o personagem fetiche na música, em <i>Dissonanzen</i>.2. <i>Schriften</i> 1:494-5063. Adorno, revisão do <i>Unmittelbarkeit und Sinndeutung</i> de Heinrich Ricjert (Tübingen, 1939) <i>Estudos de Filosofia e Ciência Social</i> 9 (1941), pp. 479-82.

Professor da Secretaria de Educação do Ceará. Graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Ceará, especialista em linguística aplicada. Brasileiro, residente em Fortaleza-CE. Email:

phvp1979@gmail.com

BENJAMIN, Walter. **The correspondence of Walter Benjamin, 1910-1940/** edited and annotated by Gershom Scholem and Theodor W. Adorno; translated by Manfred R. Jacobson and Evelyn M. Jacobson, 2012. p. 628-635.